

Passou pelo portão da escola a acelerar, desceu a rua, rodopiou e subiu em contramão. Parou. Desmontou. Pôs o cadeado na moto e entrou, de capacete integral na mão esquerda, passando a direita pelo cabelo ainda húmido.

— É só para enfeitar, Ricardo? — perguntou-lhe a professora de Inglês, que também chegara atrasada.

— Como?

— O capacete. Vinhas na moto sem ele, que eu vi.

— Ah, pois. Esqueci-me. Não há espiga.

— Não?...

Que seca!, pensou.

— Tenho de ir. Já ‘tou atrasado, *s’ tóra*.

— À velocidade a que vinhas, por pouco não era aqui que vinhas parar...

Azar! Um sermão de chacha logo pela manhã. Encolheu os ombros e, mal viu a professora entrar no átrio, deu meia-volta e saiu rumo ao café.

— São duas bicas e um hambúrguer no pão — pediu à empregada.

O Zé Eduardo apareceu ofegante, já ele tinha esvaziado uma das chávenas de café.

— *Bute* daí, Ric. A gente já ‘tá dez minutos atrasados. Sabes como o gajo de Matemática implica...

— Já vou, pá. Tem calma. Qual é a pressa? ‘Tou com uma fome danada. Não tive tempo de tomar o pequeno-almoço em casa.

— Bem, então vou andando. Tive nega no último teste. Não posso baldar-me. — Depois, virou-se e comentou: — Chi! Tu comes isso logo de manhã?! *Ganda* alarve!

O colega saiu, de livros sob o braço, tão ensonado que deu uma cabeçada na porta de vidro da pastelaria. O Ricardo sorriu, entre duas dentadas no pão.

— Era a conta — pediu ao empregado, uns minutos depois, olhando o relógio.

De passagem pelo quiosque, parou a ver as gordas dos desportivos. Depois, comprou uma revista de desportos radicais, duas caixas de pastilhas elásticas e uma *bic*. Pelo menos já não faltava tudo. Alguém lhe daria uma folha para apontamentos.

Bateu à porta da sala de aula e esperou. Foi o professor quem lhe apareceu:

— Ora viva, senhor Mateus! Bons olhos o vejam! Vem cansadinho, não? Entre, entre, esteja à vontade! Só vem vinte minutos atrasado, não se apresse...

O Ricardo engoliu em seco e foi sentar-se. No quadro, um colega tentava resolver um exercício qualquer (naturalmente correcção do TPC). Abriu calmamente a revista sobre os joelhos e pôs-se a ler um artigo sobre parapente, acompanhado de uma fotografia espectacular.

— Senhor Mateus! — chamou o professor. — O que é que tem para me dizer sobre isto?

— Não percebi, *s’ôr*.

— Não percebeu o quê?

— O que o *s'ôr* quer.

O professor de Matemática fez um sorriso cínico e declarou:

— Quero ver o seu trabalho de casa, é isso que eu quero.

— Ah... Bom, isso vai ser um bocado difícil...

Os colegas riram-se, e o professor afiou a língua para esmiuçar razões:

— Ai sim? Porquê?

— Porque não tive tempo de fazer o trabalho.

— Não teve tempo... Claro! Não teve tempo... É um jovem muito ocupado... Muito bem. Venha ao quadro.

O exercício deixou o Ricardo vesgo de desorientação, mas, sem se dar por vencido, tentou o mais que pôde, perante o ar indignado do professor, que se mantinha de pé, ao seu lado, firme como uma rocha.

— Estamos bem encaminhados, sim senhor! — troçou o professor. — Assim vai longe, não há dúvida... Lembro-lhe que já anda no décimo-primeiro... Olhe que o seu raciocínio está abaixo de um miúdo da terceira classe, senhor Mateus.

Já estava a abusar. Passara dos limites, o velho. Havia que retribuir o cinismo:

— Olhe, *s'ôr*, o meu raciocínio a esta hora da manhã pode não ser dos melhores, mas, à noite, garanto-lhe que a minha cabeça funciona. Todo eu funciono. Aposto que *muita* melhor do que o *s'ôr*... — E olhou-o de alto a baixo, descarado.

A turma riu-se.

— Vá-se sentar! Teve zero na chamada, fique sabendo! Tem a mania que é esperto, mas, como vê, quem perde é você.

Estava irritado o homem. Agora, sim, estava irritado, perdera o sorriso de aço fino que o caracterizava.

Quando tocou para a saída, o Ricardo levantou-se de rompante, pegou na revista e no capacete, despejou meia caixa de pastilhas elásticas na boca e saiu com o João Pedro, o seu melhor amigo.

— Vais-te já embora, Ricardo?!

— Nem devia ter vindo. Estas aulas são uma perda de tempo! Levantei-me eu cedo para isto! Pff... Bem, a verdade é que eu só vim para ver se encontrava a Mafalda, mas, como cheguei em cima da hora, já devia estar enfiada na sala dela.

O amigo riu-se, cúmplice.

— Vais para casa?

— Primeiro vou comprar um CD.

— De quem?

— Dos Oasis.

— Então diverte-te. *Tchau*.

— Ficas?

— Que remédio... Os meus pais não são como a tua mãe, sabes como é...

E o Ricardo lá seguiu de moto para a discoteca do centro comercial, um lugar bem mais aprazível do que a sala de aulas. Pelo caminho, não pensava em nada. Queria esquecer as piadas do matemático, que parecia apostado em estragar-lhe a manhã.

Depois de pagar, já à saída da loja, cruzou-se com um amigo mais velho, o Passas, que geralmente encontrava só nas festas e na 24 de Julho.

— Por aqui, Ricardo? Baldaste-te às aulas, ‘tá na cara...

— Podes crer. Não ‘tou a atinar com a matemática. Que seca!

— Eu sei como é. — Depois, fez um olhar penetrante e convidou: — Queres vir?...

Encaminharam-se para a casa de banho do rés-do-chão e o Passas quis partilhar o charro.

— Não, obrigado — agradeceu o Ricardo. — Prefiro dos outros. ‘Tou um bocado eléctrico, acho que é do café. — E sacou do bolso do blusão um maço de *Marlboro*.

— ‘Tás à vontade.

— Em todo o caso, obrigado, mais uma vez. Sabes que eu não curto ganzas, por causa do desporto, percebes?

— Hum-hum — respondeu o amigo, focando com os olhos baços a nuvem de fumo que subia no espelho.

— E tu? Ainda queres ser dentista? — inquiriu subitamente o Ricardo, sentado sobre o lavatório de mármore.

— Hã?

— O curso...

— Ah, isso. Claro, lógico. Quero ganhar massa. Dentista é que ‘tá a dar, aliás, sempre deu, o meu pai que o diga. Se não fosse tão forreta, eu podia viver em grande estilo, como tu, meu. Mas é um unhas-de-fome, já não muda. E tu? Ainda queres ser arquitecto?

O Ricardo sorriu. Depois, apagou a beata no lavatório, lançou-a para o cesto do lixo e concluiu: — O pior é a média. Mas dá-se a volta...

— Aos *profes*?

— Evidente.

— Tens jeito para isso? É preciso ter um certo... talento.

— Sim, mas até não me tenho saído mal. Se é preciso um bocado de graxa, dá-se graxa, pronto. Que é que tem?

— Concordo. Os meios justificam os fins, não é isso que se diz?

— Parece-me que é ao contrário, mas é só um pormenor.

— Cagativo.

— Amanhã de manhã, vou a Sintra com um amigo do meu pai fazer pára-queda.

— *Ganda* sorte! Eu cá vou passar o fim-de-semana a tentar marrar para um teste de Português. Que pedra!

— Eu também vou apanhar uma seca numa daquelas longas festas de família na casa da Lagoa...

— Vão passar o fim-de-semana à Lagoa de Óbidos? Bem me podias convidar!

— Não é má vontade, pá, mas não vai dar. É uma festa de anos...

— Bah!... *Happy birthday, dear...* quê?

— Nucha. É a minha tia...

— Então *happy birthday* lá à tua tia. É verdade, e a Ana Rita? Não é essa que também tem casa lá na Lagoa?

— É — respondeu o Ricardo com cara de frete.

— E... que tal?

— Como a anedota do jacto.

— Já passou?

— Hum-hum.

— Cortava-se sempre, não?

— E eu não tenho pachorra para miúdas betas, ainda por cima a cortarem-se dia sim dia sim.

— ‘Tou a ver.

— Bom, vou andando. Queres boleia?

— Obrigado. ‘Tou à espera de um amigo.

— *Okay*. Até qualquer dia, Passas.

Eram quase horas de almoço, mas, se se despachasse, ainda daria para ouvir o disco antes de a mãe chegar a casa. Passou a correr por dois arrumadores de carros, no parque em frente do centro, montou na moto e meteu prego a fundo para atravessar a avenida como flecha doida.